

A homossexualidade feminina, uma questão de amor

Desde o começo de seu ensino até os últimos, Lacan pensou na homossexualidade feminina, não em termos de gênero, mas como uma erótica sustentada no amor. E diz:

“Isto é a mesma coisa que enunciei, não faz muito tempo, num certo programa para um congresso sobre a sexualidade feminina [...] somente a homossexual, escrevam no feminino, sustenta o discurso sexual com toda a segurança”¹.

E ao mesmo tempo afirma que lhes resulta muito fácil o discurso do amor² como se existisse uma espécie de soldadura entre ambos - o sexual e o amoroso - que tentaremos desentranhar neste trabalho.

Um amor particular já que ao mesmo tempo esse amor a afastaria do discurso analítico baseado justamente no amor de transferência³. Um amor que excluiria outro amor? E, embora podemos matizar a partir da nossa clínica, a afirmação lacaniana de que elas só possam balbuciar o discurso analítico, já que há homossexuais que se analisam, importa-nos indagar no quê consiste essa amatória que as particulariza e que as amputaria do mesmo.

Palavras de amor

Lacan traça uma ponte entre o amor cortês e o movimento de *As Preciosas* do século XVII porque em ambos está bem presente uma espécie de lição a

¹Lacan, J., *O Seminário, Livro 19, Ou pior*, Zahar, 2012, Rio de Janeiro., p.17

²*Ibid*, p. 18

³*Ibid*. p.17

respeito daquilo que é o amor quando aquilo que primam são as palavras adquirindo relevância sobre o corpo. Ambos movimentos, o primeiro na Idade Média e o segundo na Moderna, serão pensados com o alvo da homossexualidade feminina.

Se o perverso é quem diz saber sobre o gozo e gosta de adestrá-lo, a homossexualidade ensina a respeito do amor como dar aquilo que não se tem.

“Se, mais do que outro, tal amor se gaba de ser o que dá aquilo que não tem, é exatamente isso que a homossexual se esmera em fazer no tocante àquilo que lhe falta.”⁴

Duas figuras, a do perverso e a da homossexual feminina, supõe um Outro para o qual se invoca com uma tentativa de doutriná-lo com o anseio de que tal instituição deixe traços no real. Será num caso atravessar as barreiras do pudor, e no outro, uma linguagem, o das Preciosas - na qual Lacan coloca o Eros da homossexualidade feminina - que tenta produzir marcas suprimindo palavras alusivas ao falo. O Outro presente na instrução lésbica é, ou um ser obsceno perverso ou se quisermos um pai distante, mas onividente. É por isso que Lacan afirma que sobre o seu vínculo com o sexo oposto:

“o que ela não aceita é que esse objeto só assuma seu sexo às custas da castração”⁵

Pensemos na jovem homossexual, empenhada em demonstrar que é possível amar sem ter, fazendo assim *acting* do amor, já que amar é dar aquilo que não tem. Por que isto teria que ser mostrado? Isto conduz àquilo que descreve Freud sobre o pai da moça, dizendo que se trata de alguém que se mantém afastado dos filhos pelo seu impostado rigor. Demasiado identificado com o seu personagem, Lacan⁶ diz que o seu olhar ela a lei. Para quem demonstrar o

⁴Lacan, J., *Escritos 2*: “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina”, Zahar, 1998, Rio de Janeiro., p.744

⁵*Ibid.*

⁶Lacan, J., *O Seminário, Livro 10, A angústia*, Zahar, 2005, Rio de Janeiro., pp. 128-145

que é o amor - dar aquilo que não tem - senão para aquele que considera que seria dar aquilo que tem?

A erótica das Preciosas tem ressonâncias atuais, a aspiração de que a linguagem modifique o real pode bem se associar com as correntes vinculadas com a defesa da linguagem chamada inclusiva, com o cerceamento de frases masculinas relativas ao corpo feminino ou com a denúncia a respeito de que todos os homens são machistas. As mulheres novamente ensinam a maneira na qual o homem deve proceder, da mesma forma que nas cortes de amor da Idade Média que ilustravam os trovadores a respeito da poesia conveniente para a Dama.

Raynouard⁷ se apoiando nas falhas do amor contidas na obra de Le Chapelain sustenta a existência de verdadeiros tribunais femininos que proferiam sobre litígios colocados entre amantes. A poesia provê na existência amorosa um discurso didático, produzindo o surgimento no ocidente de uma pedagogia no campo passional.

Esse pensamento medieval colocou no zênite o amor, de tal forma que, diante dele, o corpo chega a ter menor densidade que esse amor.

Se no amor cortês se tentava amar a Dama mesmo sem conhecê-la e o ensino não era manifestado, com as Preciosas ele se faz evidente: interessadas acima de tudo "pelas coisas do coração e só do coração" traçam a *Carte du Tendre*⁸ para guiar os homens no caminho sobre como abordá-las nas questões do amor⁹. Condenaram todas as expressões que evocavam grosseiras realidades fisiológicas e se negaram a aplicar o verbo *amar* ao mesmo tempo para as coisas materiais e as espirituais: se ama a amante, se gosta do melão. Era necessário que o estilo fosse puro e elevado e o pensamento sutil, um verdadeiro programa

⁷Lafitte-Houssat, J., *Trovadores y Cortes de amor*, Eudeba, 1966, Bs. As.

⁸País imaginário, país do amor cortês que conceberam *As Preciosas* com o propósito de civilizar os impulsos sentimentais através do discurso galante, do humor e do galanteio.

⁹Duby, G. & Michelle Perrot, M., *Historia de las mujeres* "Del Renacimiento a la Edad Moderna", Taurus, 2000, Madrid, Volume 3, pp.453-62

enciclopédico ridicularizado por Molière de maneira um pouco injusta e caricaturesca nas comédias *As mulheres sábias* e em *As preciosas ridículas*.

A linguagem refinada que elas propõem é uma linguagem que se apresenta como um saber que se impõe sem estar furado, ao ensiná-lo na maneira de um ofício ou arte se limitam as contingências próprias do encontro amoroso. Na moral vigente, a necessidade de um consenso prévio à relação sexual é também uma maneira de evitar a dimensão imprevisível do erotismo. É que, se bem o movimento das Preciosas não se enquadra dentro da onda do feminismo que surge posteriormente, podemos pensá-lo como um antecedente.

E é talvez essa amatória que aspira um amor limpo do impuro o que as faz sustentar o discurso sexual com total confiança, seguramente porque é a heterogeneidade entre o gozo feminino e o masculino que obstaculiza a certeza a respeito do discurso sexual já que nessa heterogeneidade reina o mal-entendido. Houve e há variados movimentos feministas, às vezes com fortes discrepâncias entre eles. A partir das suas manifestações podemos deduzir que, mais do que se tratar de um saber sobre o amor, o que está em jogo é um saber sobre os direitos: à educação, a votar, à igualdade nos âmbitos trabalhistas, a decidir sobre o próprio corpo, variando em diversos momentos a reivindicação nas lutas.

Na atualidade "Nenhuma a menos" repetido a nível mundial, possibilitaria nuclear os diferentes feminismos. Frase que coloca em evidência, não um discurso sobre o amor, mas sobre a morte. Ou será uma forma de falar de amor, próprio dos tempos atuais, diante da selvagem hegemonia do discurso capitalista? Que não as matem poderia muito bem ser um pedido para que as amem. Porém, de amor não se fala.

Os feminismos e os corpos.

A tentativa por não pegar o falo como significante adquire duas vertentes. Por um lado, as Preciosas numa poesia que depura as palavras de termos obscenos associados ao dizer masculino, amor ideal - dirá Lacan - que transcende o corpo; por outro lado, Monique Wittig¹⁰ e Judith Butler que privilegiam o corpo em sua dimensão pré-genital, ou seja, aquém do falo. Duas formas de recusa do "erro comum" de tornar o falo como significante: num dos casos pela via da linguagem, no outro pela via do corpo. As Preciosas utilizam uma linguagem refinada que rejeita as palavras inconvenientes; Wittig recria uma crua descrição de todas as partes do organismo. As Preciosas com um amor idealizado e separado da sensualidade, Wittig enumerando impudicamente as relações entre as amantes numa ficção de relação sexual intercelular com prescindibilidade do falo. No que refere a Butler¹¹, seguindo as colocações de Freud, não só pegará dele o aspecto vinculado às pulsões parciais pré-genitais, senão que desconhecerá aquilo relativo às fixações. Considerando, como diz Freud, que a erogeneidade é uma característica geral de todos os órgãos, Butler destaca essa verdade, mas faz desaparecer dela toda a referência à primazia temporal ou ontológica de alguma determinada parte do corpo. Em suma, fica eliminada a fixação:

“Ser próprio de todos os órgãos equivale a não ser necessariamente de nenhum órgão, é uma propriedade que se define pela sua plasticidade, transferibilidade e sua expropriabilidade próprias”¹²

¹⁰Cf. Entrevista com J. Butler: *Judith Butler, trouble dans le féminisme*, Travail, genre et sociétés n° 15, 2006/1, p.5-25. Disponível em: www.cairn.info 2: Wittig, M., “Le point de vue, universel ou particulier”, *La Pensée straight*, Amsterdam, 2007, Paris, p.119

¹¹Aponta Laurent que Butler propõe eliminar o nome “mulher” como identidade influenciando com isso em alguns psicanalistas como Jessica Benjamin que, sob uma perspectiva antiessencialista propõe que o adulto deve reconquistar o pré-edípico, em: Miller, J.-A., *Piezas Sueltas*, Paidós, 2014, Bs. As. p. 400

¹² Butler, J., *Cuerpos que importan*, Paidós, 2018, Bs.As., p.101

Se para Lacan “o homem serve aqui de conector para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma, como o é para ele”¹³, a rejeição do falo impediria esse desdobramento de gozo fálico e o seu além. Amor sem essa cisão que faz que muitas lésbicas digam que amam outra mulher por afinidade espiritual, ou que ninguém conhece o corpo de uma mulher como outra mulher.

O amor homossexual e os gozos

Desde o último Lacan caem os gêneros homem/mulher¹⁴ na medida em que o que adquire relevância é o tipo de gozo; contudo, o real anatômico não é eliminável, como diz Lacan:

“O real não é o mundo exterior; é também a anatomia, tem a ver com o corpo todo”¹⁵

As relações entre os sexos, independentemente do gênero em questão se estabelecem por laços intersintomáticos que os amarram. A oposição homossexual/heterossexual, especialmente a homossexualidade feminina, fica questionada se nos desligarmos de todo critério fenomênico e levarmos em consideração as colocações do ser falante a respeito do gozo segundo a partilha que se obtém pelas fórmulas da sexuação. O lado macho não aborda aquilo da mulher ligado especificamente nesse "Outro gozo", nesse gozo **hétero**. Pelo contrário, o interesse está direcionado em partes bem localizáveis do corpo feminino e esta "fetichização" do objeto, elide aquilo que resulta mais próprio dela: o seu gozo.

Neste sentido, rejeitando o **hétero** vinculado ao "Outro sexo", o homem se coloca numa posição "homossexual" independentemente de que seu parceiro seja

¹³Lacan, J., *Escritos 2*, “Diretrizes para um congresso sobre sexualidade feminina”, Zahar, 1998, Rio de Janeiro., pp.741

¹⁴Também Freud quando diz: “aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” Freud, S., “33ª conferencia. A feminilidade” [1932], em *Obras completas*, Amorrortu Editores, 1979, Bs. As., tomo XXII, p.104, na versão em espanhol.

¹⁵Lacan, J., *Revista Lacaniana de psicoanálisis 21* “Conferencias en universidades norteamericanas”, Grama ediciones, 2016, Bs. As., p.15

mulher. Lacan, no Seminário 20¹⁶, se refere à posição “*hommosexuelle*”, termo neológico que na língua francesa evoca tanto a posição sexual do homem (homme) quanto à homossexualidade deduzida pela rejeição do radicalmente **hétero** do gozo específico da mulher. O tradutor espanhol, assim como o português, escreve **homossexual**, onde o prefixo **homo** também pode evocar a palavra latina que designa o homem.

Será heterossexual quem amar as mulheres colocadas nesse lugar **hétero** como Outro sexo que se vincula nesse "Outro gozo" impossível de localizar¹⁷. Como aqui não interessa nem o gênero nem o sexo abordado a partir do anatômico, também fica questionada a homossexualidade feminina. Um amor do tipo **hétero** sem o desdobramento que implica se confrontar com o heterogêneo do gozo masculino.

O interesse supremo que a homossexual feminina dirige para a femineidade não é o amor ao inconsciente que nos dá acesso ao trabalho analítico e que se expressa no discurso que lhe é próprio. Em seu estado primário o inconsciente está feito de alíngua, não existe como saber. O que o faz existir como saber é o amor, isso é o que chamamos de inconsciente transferencial; para poder se incluir no discurso analítico é necessário amar o inconsciente.

Lacan propõe que a análise nos mostra que o amor de transferência não é igual ao que se produz quando emerge o gozo da mulher¹⁸. A homossexual feminina, precisamente ama as mulheres na medida em que se sustentam como o Outro sexo, ali onde se manifesta o **hétero** e isso não é o mesmo que amar esse inconsciente que não admite a diferença de sexos e que só se representa para o gozo por meio do símbolo fálico.

¹⁶Lacan, J., *El Seminario, Libro 20, Aún*, Paidós, 1981, Bs. As., p.102

¹⁷“ Chamemos heterossexual, por definição, aquele que ama as mulheres, qualquer que seja seu sexo próprio. Ficará mais claro.” Lacan, J., *Outros Escritos*, “O aturdido”, Zahar, 2003, Rio de Janeiro., p.467

¹⁸Lacan, J.: “a análise nos mostra, que é o que se chama transferência, quer dizer, o que acabei de chamar de amor, o amor corrente, o amor sobre o qual alguém se assenta tranquilamente e, depois, chega de histórias... não é a mesma coisa do que se produz quando emerge o gozo da mulher”, em: Seminário 21, “*Les non dupes errent*”, aula de 11-06-1974, inédito

Por último, podemos retomar as duas afirmações lacanianas a respeito das particularidades do amor na homossexualidade feminina que, a princípio, poderiam nos parecer paradoxais. Por um lado, coloca-a sustentando o discurso sexual com total segurança¹⁹ e por outro lado enfatiza: “Repito: isso lhe facilita o discurso do amor²⁰”. Por sua vez, aponta nesse mesmo parágrafo a homossexual mal pode balbuciar o discurso analítico.

A chave para abordar o problema é brindada pelo próprio Lacan quando sustenta que “não correm o risco de tomar o falo por um significante”²¹. Razão pela qual, ao ficar a homossexualidade feminina em curto-circuitada desse vetor, não existiria o desdobramento dos gozos, o que conduz para o paradoxo de um amor do tipo feminino que exclui que Lacan localiza entre o centro e a ausência.²²

Para concluir, trata-se de um amor que, ao impedir esse desdobramento de gozo, entroniza um ideal que prescinde desse amor que para Lacan é o de “dois meio-dizeres que não se recobrem”²³

¹⁹Lacan, J., *O Seminário Livro 19, ...Ou pior*, Zahar, 2012, Rio de Janeiro., p.17

²⁰*Ibid* p.18

²¹*Ibid* p.17

²²*Ibid.* p.117

²³“O amor é dois meio-dizeres que não se recobrem [...] É a conectividade entre dois saberes enquanto que eles são irremediavelmente distintos. Quando isso se produz, constitui algo totalmente privilegiado. Quando se recobrem, os dois saberes inconscientes, isso constitui uma suja miscelânea.”. Em: Lacan, J. Seminário 21, aula de 15-01-1974, inédito.

Tradução: Eva Arenas

INTEGRANTES DUPLA:

Noemí Alazraki

Susana Amado

Gerardo Arenas

Susana Besson

Diana Campolongo

Ana Cano

Cyntia González

Mónica Gurevicz

Déborah Lazzeri

Marcelo Marotta

Verónica Pagola

Pablo Polizzi

Marina Posata

Sandra Ruiz

Marita Salgado

Néstor Yelatti

Coordinadoras: Silvia Ons, Azucena Zanón